

Nossa alma livre não
poderá jamais, jamais ser
conquistada! Não enquanto
houver um chacaliano
capaz de dizer: “Não! Sou
eu quem escolhe os meus
pensamentos, sou eu quem
escolhe os meus líderes, sou
eu quem decide qual o meu
livro de culto. Minha lei
será sempre a lei do povo e
não o capricho de qualquer
brutamonte com um sabre
afiado o suficiente para
roubar a coroa da cabeça
de quem lhe antecedeu.”

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

a corte do ar



a corte do ar

stephen hunt

Tradução de Alberto Simões



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

SUMÁRIO

Carta do editor	9
Prefácio do autor	11
Dedicatória	14
Capítulo Um	15
Capítulo Dois	29
Capítulo Três	40
Capítulo Quatro	42
Capítulo Cinco	57
Capítulo Seis	71
Capítulo Sete	90
Capítulo Oito	104
Capítulo Nove	123
Capítulo Dez	142
Capítulo Onze	168
Capítulo Doze	187
Capítulo Treze	201
Capítulo Catorze	219
Capítulo Quinze	234
Capítulo Dezesesseis	258
Capítulo Dezesete	278
Capítulo Dezoito	286

Capítulo Dezenove	307
Capítulo Vinte	346
Capítulo Vinte e Um	390
Capítulo Vinte e Dois	410
Capítulo Vinte e Três	435
Capítulo Vinte e Quatro	458
Capítulo Vinte e Cinco	475
Capítulo Vinte e Seis	519
Glossário de Chacália	538

CARTA DO EDITOR

“Se você não vive no limite, está ocupando espaço demais.”

— Stephen Hunt

Se vivêssemos num mundo *steampunk*, talvez algum cientista louco tivesse criado um *diversômetro*: uma espécie de chapéu-pensador do Professor Pardal, cheio de fios, rodas dentadas e uma chaminé com buzina, que colocássemos na cabeça para que medisse a nossa diversão enquanto líamos um livro. Seria uma forma insólita e autêntica de fazermos crítica literária. Se eu tivesse usado esse *diversômetro* nas duas vezes em que devorei *A Corte do Ar*, garanto-lhes que o chapeuzinho teria soltado faíscas, buzinado que nem um louco e lançado colunas de fumaça nos céus. Sim, *A Corte do Ar* é bom assim!

Esta obra-prima de Stephen Hunt inaugura a ficção científica na *Coleção Bang!* Dos milhares de títulos que poderíamos ter escolhido, a responsabilidade recaiu neste por uma simples razão: *A Corte do Ar* é uma odisséia frenética e inteligente que satisfaz leitores de fantasia, ficção científica e *steampunk*. Nele, bandidos, aventureiros, bordéis luxuosos, assassinatos, balões nos céus e órfãos em fuga ganham vida e conquistam os nossos corações. A crítica não exagerou quando disse que *A Corte do Ar* poderia ter sido escrito por Charles Dickens ou Jack Vance... Este livro é uma fusão entre o melhor da literatura inglesa e a fantasia mais espetacular, comparável, em ambição, às obras-primas de Philip Pullman (*A Bússola de Ouro*), Alan Moore (*A Liga Extraordinária*), ou Susanna Clarke (*Jonathan Strange & Mr. Norrell*).

A referência ao imaginário de Dickens é óbvia: nomes, brigas de classes, bairros miseráveis e glórias emboloradas do passado conferem um ar vitoriano a *A Corte do Ar*. Mas são os conceitos que dão forma ao livro que se destaca pela sua avalanche de criatividade: dos homens-vapor (fascinante raça de máquinas que luta pela sua autonomia e que pensa, sente, possui alma e até os seus próprios deuses) aos encantados (humanos com superpoderes de origem mágica), dos cantores do mundo (uma espécie de polícia política mágica) às organizações secretas que observam tudo o que se passa a partir dos céus; das intrigas parlamentares às máquinas tão extravagantes que parecem saídas da cabeça de H. G. Wells ou Júlio Verne.

A ação é digna de um filme de Indiana Jones e gira em torno de dois jovens, Molly e Oliver, que têm que enfrentar um mal antigo que se julgava desaparecido. O leque de personagens secundários e, mais importante, de enredos secundários, é fascinante e complexo, deixando o leitor sem saber o que esperar, que segredos do passado vão aparecer, quem vai sobreviver ou até quem são os verdadeiros heróis. Para facilitar a leitura, incluímos no final do livro um glossário de Chacália.

Caros leitores, a ficção científica não podia começar de melhor forma na *Coleção Bang!* Mais do que uma boa leitura, desejo a todos uma excelente viagem.

Luís Corte Real

PREFÁCIO DO AUTOR

Percorri um longo caminho desde 2007, quando *A Corte do Ar* fez a sua primeira aparição no Reino Unido. Terão se passado mesmo seis anos? Quem já trabalhou numa obra de ficção sabe que há poucas coisas tão excitantes quanto o contato de um editor manifestando seu interesse em publicar o nosso livro. Nasce um sentimento de enorme gratidão por ser possível partilhar com o público os frutos de nossa imaginação e trabalho. Mas descobrirmos por meio de um agente literário que há várias editoras interessadas em publicar o nosso romance e que os direitos dos livros estão sendo bastante disputados é algo que vai além dos sonhos de um homem ou mesmo de Deus. E tudo o que se seguiu foi melhor ainda...

A Corte do Ar recebeu muitas críticas entusiásticas de toda uma série de publicações e jornais, fui entrevistado na televisão, e o comitê do maior festival de cinema do mundo, o Festival de Berlim, votou no livro como melhor obra de fantasia que deveria ser adaptada para filme naquele ano. Ainda é com muita admiração que encaro essa fama que *A Corte do Ar* me trouxe. Tudo parece um sonho para mim. Quando escrevi o livro, queria criar uma história de fantasia com uma sociedade e um mundo diferentes dos tradicionais, repletos de elfos medievais e dragões.

A época histórica que melhor conhecia era a da Inglaterra vitoriana e georgiana e, para mim, fez muito sentido focar nesse período. Foi só depois do romance ser publicado e de terem surgido as primeiras críticas

que notei um padrão: o meu livro não tinha sido recebido apenas como uma história de fantasia que retrata uma cultura alternativa... era considerado *steampunk*. Na época, considerei ser uma definição óbvia, uma vez que o meu livro tinha robôs movidos a vapor, dirigíveis, carruagens, cidades vitorianas e apresentava um retrato alternativo da sociedade do século XIX, cumprindo as características do *steampunk*. Mas juro que não me ocorreu que o livro que estava escrevendo fosse algo mais do que uma aventura de fantasia.

A Corte do Ar centra-se na história de um rapaz e de uma moça que tentam compreender um mundo frequentemente hostil e muito estranho, pelo menos para nós, à medida que ambos enfrentam forças malévolas e assassinos com objetivos sinistros. Os nossos heróis precisam fugir de tudo e de todos, não sabendo em quem confiar. É uma história que poderia ter funcionado bem com cavaleiros e espadas ao estilo de George R. R. Martin e do seu maravilhoso mundo de Winterfell. Mas, na verdade, *A Corte do Ar* passa-se numa Terra, num futuro distante após muitos milênios, depois do ciclo de Idades de Gelo e asteroides terem apagado traços da nossa atual existência no mundo. Até a geografia mudou drasticamente, com Chacália — a minha Inglaterra alternativa — absorvida pelo continente Europeu e próxima demais da França — um velho inimigo — e sem qualquer mar separando as fronteiras. E, como se isso não fosse ruim o suficiente, a Espanha tornou-se um deserto e é controlada por um império de engenheiros genéticos maléficos.

Quando entreguei *A Corte do Ar* ao meu editor, o fenômeno do *steampunk* ainda não tinha grande força — existiam apenas alguns livros retratando realidades alternativas vitorianas, como a magnífica obra de William Gibson, *A Máquina Diferencial*, ou a HQ de Alan Moore, *A Liga Extraordinária*. Mas as inesperadas vendas elevadas de *A Corte do Ar* e a atenção da imprensa que o livro atraiu convenceram todos que aqui estava algo que valia a pena investigar. Desde então, escrevi mais cinco livros, totalizando seis livros na minha série Chacaliana. Seis anos da minha vida em que tudo mudou radicalmente. O gênero que ajudei a popularizar tem agora centenas de autores. E não só isso. O *steampunk* afastou-se de suas raízes históricas e evoluiu, proporcionando uma minirrevolução inspirada na contracultura que se define por uma aversão aos piores vícios da sociedade moderna — má educação, estresse, agressão, sociedade de consumo com padrões estéticos baixos, arquitetura feia, desleixo no vestuário e tecnologias descartáveis.

Se olharmos para o ano em que começou a revolução a vapor, podemos encontrar quase todas as causas que conduziram às desigualdades sociais e à ansiedade que culminaram no movimento *punk* dos anos 1970 dos Sex Pistols e nas botas Doc Martens. O ano de 2007 foi marcado pelo início do colapso gradual do sistema bancário, provocando desemprego em larga escala e males econômicos num meio em que os cidadãos deixaram de confiar em seus políticos e em instituições como polícia, Igreja, sindicatos, bancos e todo o resto. Como se isso não bastasse, tivemos que lidar com instabilidade política, empregos exportados para a China, alterações climáticas, motins e guerras no Irã e no Afeganistão.

Por tudo isso, não surpreende que, nos últimos anos, muitos jovens desencantados — assim como alguns mais velhos, como eu — optaram por se afastar de nossa sociedade estéril e violenta e olhar para um passado imaginário que nunca existiu, no qual damas e cavalheiros cortejam-se com boas maneiras e vestuário requintado, droides movidos a vapor servem-nos coquetéis de absinto, e cientistas de casacos de couro produzem manualmente objetos para nossa maravilha e deleite.

Esse mundo pode nunca ter existido fora das nossas imaginações, mas talvez fosse melhor ter existido. Não sei qual será a evolução do *steampunk* daqui para a frente, mas me sinto feliz por ter feito parte de sua origem, e tenho uma intensa curiosidade pelo seu futuro. Assim como *A Corte do Ar* transformou a minha vida e carreira, suspeito que o futuro do *steampunk* nos irá surpreender de formas que não conseguimos prever.

Stephen Hunt

*A todos aqueles a quem
sou grato.
Vocês sabem quem são.*

Capítulo Um

Molly Templar estava sentada com um ar desolado junto ao balcão de pesagem da lavanderia de Handsome Lane. Um carrinho de mão vazio, deixado diante de um cesto repleto de roupas, testemunhava as bolhas que soltava. Molly tentou imaginar como os desanimados se sentiam e fez uma careta com seu rosto sardento que combinou mais com seu estado de espírito. Como tinha sido Rachael, uma das meninas do internato, quem veio chamá-la, e não o inspetor, sua representação magistral dos “desolados” passou despercebida.

Damson Snell, a dona do estabelecimento, veio ver quem tinha acabado de entrar, mas pareceu desapontada ao constatar que se tratava apenas de mais uma jovem do Internato Portas do Sol.

— O inspetor está tão ocupado que não pode vir ele mesmo ver o tipo de arruaceiras preguiçosas que está trazendo para o meu negócio?

— Ele pede desculpas, senhora — respondeu Rachael. — Mas tinha outro compromisso.

— Nesse caso, diga para ele que eu não tenho lugar para gente folgada aqui — disse Snell, apontando para Molly. — Você faz ideia do que ela fez?

— Não, senhora. — Embora o tom de Rachael sugerisse que ela tinha uma suspeita.

— Lendo! — O rosto de Damson Snell ficou vermelho de increduli-

dade. — Alguém esqueceu um romance barato no bolso de um casaco e ela... leu o maldito livro! Quando reclamei, começou a bancar a espertinha comigo. “Uma boa mocinha”, disse ele. Diga ao inspetor que aqui é um negócio e não uma biblioteca. Quando a gente precisar de uma moça letrada, contratarei um aprendiz de escritor e não uma desgraçada qualquer do Portas do Sol.

Rachael assentiu com a sua melhor expressão de compreensão penitente e levou Molly para longe da lavanderia, antes que a proprietária tivesse oportunidade de prosseguir com a sua lenga-lenga.

— Que belíssima lição de negócios — disse Molly quando as duas se encontravam já a salvo do alcance de seus ouvidos. — Ainda por cima vinda dela, que enfia vinte xelins por mês no bolso do inspetor para continuar a ter mão de obra gratuita do internato. Ela só esqueceu de mencionar um salário justo para os que não têm mais nada para dar além do suor do corpo.

Rachael suspirou.

— Parece que você está se transformando numa carlista de mão cheia, Molly. Estou surpresa que ainda não tenha sido despedida por tentar organizar uma conspiração de trabalhadores. Esse romance barato não era por acaso um exemplar de *A Comunidade e os Comuns*, era?

— No bolso de um cliente *dela*? — ironizou Molly. — Não, era uma das aventuras do pirata submarino Samson Dark e o seu aerostato *Frenético*.

Rachael assentiu. O Reino de Chacália estava repleto de escritorezinhos com preocupações editoriais próximas das da região de Dock Street, sempre em busca de novos heróis, bandidos, salteadores e corsários que possam preencher as folhas dos jornais sensacionalistas como o *Notícias Ilustradas de Açomédio* e dos folhetins baratos, em que realidade e ficção se confundem em séries vendidas a preços reduzidos para prender os leitores. As histórias mais imaginativas chegavam a adquirir contornos de lenda, recuperando deuses obscuros dos tempos em que os cidadãos do reino não tinham abraçado as meditações circunistas; as páginas desse gênero de contos tinham ressuscitado demônios como os lupocaptores, espíritos malignos que eram enviados para raptar os perversos e aterrorizar os imorais com suas capas negras e seus dentes afiados.

Para quem vivia no internato, essas leituras eram uma fonte de distração bastante animada, uma vez que se situavam a uma distância incalculável de suas vidas de preocupação e fome. Como Molly desejava que aque-

las histórias fossem reais e que, ao menos, as salas de baile resplandecentes e os belos oficiais montados em seus cavalos empinados existissem num lugar longínquo. Mas a amarga sensação de realidade se abateu sobre ela e a fez deduzir que Samson Dark devia ser, na verdade, um velho bêbado e violento, com temperamento assassino e queda para a pilhagem de cargueiros por ser preguiçoso, vagabundo e estúpido demais para merecer comandá-los. Quanto ao alegre dirigível *Frenético*, era mais provável que, em vez de navegar em busca de batalhas gloriosas, se limitasse a andar errante pela região de navegação dos piratas, engordando os peixes com a carne de marinheiros inocentes e mantendo sua posição sobre a embarcação submarina do Dark ao mesmo tempo que largava bombas-barbatana sobre seus mastros e convés, abandonando a embarcação pirata em chamas à mercê dos oceanos e dos deslizagudos. Alguns dias depois, um dos tais escritores de segunda de Dock Street teria cruzado acidentalmente com a tripulação embriagada do aerostato numa taberna, e, em troca de um barril de rum, planejado um conto adornado de glória e combates corpo a corpo. O escritorzinho aumentaria um pouco mais a sua história para os editores de folhetins baratos e para as publicações de Dock Street como as da editora de Torley Smith.

— Alguém me denunciou ao inspetor? — perguntou Molly, voltando a se concentrar em suas preocupações do presente.

— Como se ele já não soubesse de nada... — respondeu Rachael. — Mas não foi por mim. Eu não sou tonta. Mas, Molly, este é o quarto trabalho do qual você é despedida em meses. Ele ia acabar descobrindo de qualquer maneira.

Molly puxou nervosamente as pontas de seus cabelos ruivos para baixo.

— O inspetor está zangado?

— Pode-se dizer que sim.

— Bem, o que ele pode fazer contra mim? — perguntou Molly.

— Você é uma tonta, Molly Templar — disse sua companheira, vendo um brilho desafiador em seus olhos. — O que mais falta fazerem com você? Acorrentá-la? Punições administrativas? Mais dias passados presa do que solta? Cortes nas refeições? Ainda assim, você continua a pedir mais.

— Logo mais vou estar livre de tudo isso.

— Não se esqueça de que você ainda tem mais um ano pela frente antes de expirarem seus documentos de custódia e de você obter o seu direito de voto — disse Rachael. — Se o inspetor continuar zangado com você, um ano pode ser muito tempo.

— Mais um ano e desapareço daqui.

— Para onde? — perguntou Rachael. — Pensa que uma órfã desgraçada como você ou eu vai acabar como uma esnobe da alta sociedade? Pensa que vai ser recebida com torta de perdiz e o melhor *claret*? Se não der jeito em sua vida, você vai acabar roubando carteiras, como os vagabundos de rua da quadrilha-relâmpago. Então os esmagadores vão pegar você, e só vai sobrar a galé com destino para as colônias concorzianas para nossa jovem Damson Molly Templar.

— Eu não quero acabar ali — respondeu Molly, apontando com o polegar na direção da lavanderia de Handsome Lane.

— Ninguém quer acabar ali, Molly querida, mas, se isso render comida na boca e um teto, é sempre melhor do que morrer de fome.

— Bem, eu já estou morrendo de fome aos poucos no internato — disse Molly. — Se ao menos...

Rachael tomou a mão de Molly.

— Sim, eu sei. Também sinto falta da damson. Se os desejos fossem xelins, todas nós estaríamos agora vivendo como princesas.

Para as órfãs, havia apenas uma damson: Damson Darnay, que tinha sido a diretora do Internato Portas do Sol antes do inspetor. Quatro anos se passaram desde o seu ataque cardíaco. Reformista, sempre defendera que o rico bairro de Açomédio podia perfeitamente abrigar um internato às suas portas. Uma casa onde as crianças pudessem ser ensinadas a ler e escrever, onde os estúpidos métodos de trabalho do internato fossem substituídos pelo ensino e por uma boa educação circulista.

Um sacerdote da Igreja Circuliana a levava coberta por uma mortalha para longe das garotas numa manhã fria e o inspetor tomou o seu lugar. No bolso dos comerciantes locais, o custo de manutenção das órfãs passou a ser pago através do aluguel das garotas para os seus comércios. A aprendizagem se dava por observação, de maneira a preparar os gratos órfãos para suas vidas adultas.

Não deixava de ser curioso constatar como as funções das crianças jamais incluíam postos sentados, como o de uma secretária num dos novos edifícios pneumáticos ao longo de Gate Street ou uma posição de funcionária de loja em Sun Lane. Limpadores de esgoto, isso sim. Trabalho em lavanderias, que fazia as unhas caírem de tanto serem mergulhadas em água sanitária; atividades em oficinas mal-iluminadas e em fábricas, nas quais se curvavam sobre teares ou máquinas de cortar, surdas pelo ruído do metal e perdendo um dedo por ano.

Pequena como era para a idade que tinha, Molly havia passado seus 12 e 13 anos trabalhando como garota da ventilação, subindo através dos poços de ar dos pneumáticos de Açomédio com uma escova para limpar o pó e a fumaça acumulados em seu interior. Porém, tudo isso mudou quando a torre de Blimber Watts ruiu. Dotada de uma estrutura de cinquenta andares, a torre fora um edifício pioneiro em seu tempo e estava preparada para acolher milhares de funcionários, com átrios em mármore e até um jardim de inverno no interior de sua estrutura de lona e borracha. Contudo, os projetistas calcularam mal as porcentagens de tensão e as paredes de água acabaram se rompendo, o que fez a estrutura pneumática desmoronar sobre as ruas entupidas.

Quando a torre desabou, Molly estava nos ventiladores do 38º andar, voltando para o térreo numa velocidade ainda maior do que aquela com que tinha subido. No meio da escuridão, agarrou-se com todas as forças às paredes cada vez mais vazias, enquanto seu estômago revirava pela queda livre. De repente, um impacto esmagador, ao qual se seguiram cinco dias presa entre dois depósitos de água. Comprimida entre as paredes, manteve-se hidratada lambendo o líquido morno e imundo que escorria delas, vomitando aterrorizada, gritando incessantemente e suplicando por ajuda num tom agudo como a lâmina de uma faca.

Presa no abraço opressivo e esmagador da borracha, perdeu todas as esperanças de ser resgatada. Foi então que sentiu a presença do homem-vapor acima dela, avançando através dos escombros do edifício. Molly sabia que tinha uma afinidade incomum com a raça mecânica, como se os seus corações de caldeira, seus intrincados mecanismos de engrenagem e os prismas de silicato a chamassem para serem examinados, revirados e analisados entre os seus dedos, e depois montados em sistemas sofisticados. Ela fechou bem os olhos e esforçou-se para que o trabalhador ouvisse seus pensamentos — aqui, aqui, AQUI EMBAIXO.

Alguns minutos depois, o silencioso homem-vapor levantou uma camada de borracha com um pé de espessura, permitindo, dessa forma, que a luz insuportavelmente brilhante do dia irrompesse e chegasse ao ponto onde ela se encontrava. O homem-vapor permaneceu imóvel diante dela, como uma estátua de bronze, e Molly compreendeu que a sua caixa de voz tinha sido retirada. Um gentil aceno com a cabeça e o homem-vapor partiu, como se moças imundas e ensanguentadas saindo de escombros de um edifício desmoronado fossem uma visão comum para aquelas criaturas de metal.

O inspetor bem tentou fazê-la regressar às ventilações, amaldiçoando-a e batendo nela. No entanto, a única ocasião em que ela tentou obedecê-lo terminou com duas outras colegas das ventilações sendo enviadas para resgatá-la, trêmula e muda.

— Ande — disse Rachael. — Vamos virar para baixo ali em Blackglass Lane. Quando vim buscar você, estavam preparando um desfile ao longo de Grumblebank.

— O rei? — perguntou Molly.

— Muito melhor, garota. A Guarda Especial.

Apesar do incômodo causado à amiga que fora obrigada a buscá-la na lavanderia por causa de mais um emprego perdido, Molly sorriu. Todo mundo venerava a Guarda Especial: os seus imensos recursos, o belíssimo corte dos seus uniformes, os dias passados no fosso de musculação, delineando sempre um pouco mais os contornos de sua constituição já atlética.

As duas cruzaram com uma série de velhas espeluncas, dobraram a esquina topando com um monte de lixo e imundície até emergirem numa das avenidas largas e limpas que era paralela à Sun Street. Lá, depararam-se com uma multidão de espectadores ansiosos que se acotovelava na rua, assim como com uma linha de esmagadores da polícia local com bandoleiras escuras com balas de cristal brilhante dispostas em cruz sobre os uniformes negros de condestáveis, encarregados de manter a imprensa longe.

Embora ainda estivesse distante, uma coluna da Guarda Especial já avançava em sua marcha avassaladora de pernas que era a sua marca registrada, ao mesmo tempo que as botas altas iam ressoando em unísono no chão. À medida que foram se aproximando, o chão pareceu vibrar.

— Aí estão seus homens da Guarda — disse Molly.

— E aí está o seu rei — acrescentou Rachael.

Sua Majestade, o Rei Julius, oitavo monarca do Trono Restaurado e rei de Chacália, vinha sentado numa carruagem aberta sobre uma cadeira almofadada e forrada de vermelho, fitando tristemente a multidão curiosa que o olhava.

Molly gesticulou para o Príncipe Alpheus, sentado ao lado do rei, não muito mais velho do que as garotas do internato.

— Ele não parece lá muito contente.

— Como poderia estar contente se sabe que o pai sofre da doença dos barqueiros? Seu pai não viverá nem mais dois anos como monarca. Então vai ser a vez dele.

Molly assentiu. As vestes do rei tinham sido sutilmente modificadas para acentuarem o fato de ambos os braços terem sido amputados. Em pouco tempo, chegaria indubitavelmente a vez do jovem príncipe ser arrastado aos gritos pelos carcereiros da Guarda Especial até a mesa dos Seradores de Ossos.

O protocolo sempre fora este, desde que Isambard Kirkehill avançara velozmente ao longo da terra, envolto num mar de sangue e fumaça de pistolas, para garantir o direito parlamentar à supremacia da chefia do novo exército modelo. Nunca mais um monarca voltaria a erguer a mão contra o seu próprio povo.

Quinhentos anos depois da guerra civil, a Casa dos Guardiões continuava a seguir as restrições de Isambard Kirkehill, o velho Lâmina de Sabre, como era conhecido entre seus inimigos. Aquela marcha do palácio até a Praça do Parlamento era um ritual semanal, ainda que o edifício tivesse se tornado apenas uma prisão de mármore deserta. O episódio da abertura da máscara de ferro do rei era recriado. Depois, ele se dobrava sobre um joelho e atribuía à Casa dos Guardiões o direito de governar o povo. Nesses dias, as únicas testemunhas daquela encenação eram alguns espectadores desinteressados, um grupo de visitantes forasteiros e uma longa linha de estátuas silenciosas de Eleitores Guardiões do passado.

— Olhe — disse Molly, apontando para a parte mais recuada da caruagem. — O Capitão Fáisca.

Rachael empurrou os vendedores ambulantes e o peixeiro que estavam na sua frente para conseguir vê-lo melhor.

— É ele! Molly, você está vendo aqueles músculos? Ele poderia esmagar um regimento inteiro de cavaleiros cassárabes do deserto entre suas coxas.

Molly sabia que Rachael tinha certa preferência por folhetins eróticos, aventuras cuja ação decorria tanto entre as sedas dos haréns fustigados pela areia, quanto com o clamor dos sabres se chocando no campo de batalha. Mas era verdade. O comandante da Guarda Especial era inconcebivelmente bonito. Nenhuma ilustração de capa de folhetim conseguira alguma vez fazer-lhe justiça. Como que dotada de vida própria, a capa do Capitão Fáisca agitava-se às suas costas, como uma sombra esvoaçante, ao mesmo tempo em que seus penetrantes olhos azuis percorriam a multidão, fazendo com que cada um sentisse que aquele olhar era dirigido exclusivamente para si próprio. Um relâmpago de luz oriundo do torque de metal preso ao pescoço do capitão ofuscou Molly por um instante.

— Viva a Guarda!

Ouviu-se um grito quase histérico proferido por uma das pessoas no meio da multidão e, como um gatilho, imediatamente, toda aquela gente desatou a repetir o mesmo grito, encorajando e produzindo um estrépito uniforme ao longo de toda a avenida. Outra pessoa começou a entoar o “Leão de Chacália” e, pouco depois, metade da avenida tinha se juntado para entoar sua letra obscena e patriótica.

Molly permanecia ao lado de Rachael, dando vivas; um inchaço de orgulho crescendo em seu peito. Longa vida à Guarda, de fato. Com a Marinha Real Aerostática (MRA) a dominar os céus e a poderosa e heroica Guarda Especial pronta para esmagar qualquer inimigo que se atrevesse a ameaçar os chacalianos em terra, o reino era realmente a força mais poderosa de todo o continente.

Outras nações teriam usado aquele poder para construir um império e sujeitar os países vizinhos à servidão, mas não Chacália. Seu povo não estava exposto a reis loucos, nem a califas sedentos de poder, tampouco a senadores vorazes. Os calmos e pacíficos chacalianos tinham arrancado as garras de seus potenciais tiranos e prosperado ao longo dos séculos, negociando, construindo e inovando, sempre de forma discreta e obstinada. Se um chacaliano tivesse um jardim na cidade para passar o tempo ou um terreno no campo para onde escapar e jogar uma partida rápida de quatro pinos, seu império estava completo.

As outras nações tinham reis ditadores, assassinos políticos e o triste canto das crianças que morriam de fome enquanto os campos áridos repousavam e os exércitos de camponeses se matavam por um capricho dos senhores da guerra locais. Chacália deixava seus tolos muito ambiciosos discutirem e trocaram acenos de dedos entre eles na Casa dos Guardiões.

As outras nações tinham deuses obscuros e profetas de olhos arregalados que exigiam obediência, mutilações infantis, escravidão e pobreza para o povo, ao mesmo tempo que a prosperidade fluía livremente por entre uma classe clerical todo-poderosa. Chacália tinha a sua filosofia circulista livre de deuses, composta de plácidas meditações e de um vasto sistema de oratórios. Um sacerdote circulista podia passar por perto e pedir um chá rápido ou um café, mas jamais bateria à porta da casa de uma família para lhe arrancar o primogênito dos braços.

Em poucas décadas, uma potência estrangeira confundiria o gosto pelas regras da lei dos chacalianos por uma ausência de ambição,

interpretaria certa inclinação para a autossatisfação e isolamento como um sintoma de decadência e fraqueza de sua sociedade e concluiria que uma nação de comerciantes estaria muito melhor servindo aos guerreiros e opressores tudo o que fora por eles construído, feito e cultivado. Muitos inimigos tinham presumido que *aquele que prefere não lutar* equivale àquele que *não é capaz e que não vai lutar*. Contudo, todos tinham sido severamente castigados por isso. Embora difícil de provocar, seus inimigos descobriam, uma vez feito o mal, que Chacália não era propriamente uma nação de lojistas desajeitados, proprietários rurais gananciosos e camponeses brutos. Deparavam-se com uma fossa de leões, um povo com um temperamento verdadeiramente áspero, indomável e sem qualquer complacência para com os baderneiros, fossem eles estrangeiros ou nascidos naquelas terras. É claro que o fato de Chacália ser a única nação do mundo a ter um fornecimento de celgas nunca fizera mal à soberania do reino. Na verdade, sua frota aérea era única e invejada no mundo inteiro, um muro flutuante de morte, sempre a postos para garantir a liberdade ancestral de seu povo.

“Mais vale ser patife em Chacália do que príncipe em Quatérturno”, já dizia a velha canção popular das tabernas e, naquele instante, o coração de Molly correspondia a esse sentimento, apanhado como tinha sido pela atmosfera coletiva daquela multidão patriota. Então lembrou-se do inspetor à sua espera no internato com a vara cortante e seu coração perdeu o ânimo por um momento. No entanto, seu ânimo logo voltou. Ela sentiu sua determinação redobrada ao lembrar-se de uma das lições de Damson Darnay. Cada uma delas era uma joia para ser guardada como um tesouro em sua vida miserável, mas havia uma em particular que ela se recordava com uma clareza apaixonada, mesmo ali, tantos anos depois da morte da mulher que tinha sido uma mãe para ela.

A lição vinha na forma de uma carta, escrita havia muitos séculos: um relatório endereçado ao então rei de Quatérturno pelo seu embaixador em Chacália, muitos anos antes da guerra civil do reino ter acontecido, quando a maior parte do continente estava ainda sob o jugo dos regimes absolutistas. O monarca do trono ancestral de Chacália estava assistindo a uma peça de teatro quando a multidão começou a se manifestar, vaiando os atores até que estes se viram obrigados a abandonar o palco. Ao repararem na presença do rei no camarote real, a multidão o apedrejou também. O quaterturniano estupefato descreveu ao seu monarca a visão inconcebível da guarda do rei lutando contra o povo enquanto batia em retirada, ao

mesmo tempo que a população endiabrada forçava o soberano corpulento a se afastar cada vez mais para longe do teatro em chamas. Que cena bizarra para aquele embaixador desconcertado — vindo de uma terra onde um servo obediente podia ser espancado até a morte por não ter se dirigido a um nobre com o devido respeito —, mas como ilustrava bem o caráter de um chacaliano.

Molly trazia essa história bem guardada em seu coração. Ela podia até ser uma órfã educada por um estado indiferente, mas jamais admitiria qualquer forma de intimidação; aos olhos da lei, era igual a qualquer servidor do internato ou ao proprietário de uma lavanderia de Açomédio.

Que bom seria se o inspetor também visse as coisas dessa forma.

O escritório do diretor do Internato Portas do Sol parecia contrastar cada vez mais com as outras áreas decrépitas do lugar, com sua escrivaninha em teca brilhante, seus ricos tapetes e o obrigatório quadro a óleo do Primeiro Guardião, Hoggstone, suspenso atrás da sua cadeira. Depois de ter percebido que o inspetor não parecia inclinado a iniciar mais uma sessão de maus tratos com ela, a segunda coisa que saltou aos olhos de Molly foi a presença silenciosa de uma elegante senhora sentada na *chaise-longue* do escritório. Elegante. Roupa de qualidade. Muito bem-vestida para ser inspetora escolar. Molly lançou um olhar suspeito ao inspetor.

— Olá, Molly — disse ele enquanto seus olhos preguiçosos de vigarista piscavam. — Sente-se aí para que eu possa apresentá-la à nossa convidada.

Molly respondeu com a sua melhor cara de advogado mal preparado para expor o seu caso.

— Sim, senhor.

— Molly, esta senhora se chama Damson Emma Fairborn, uma das empregadoras mais proeminentes do Portas do Sol.

A senhora sorriu para Molly, afastando uma madeixa encaracolada de cabelo louro da face. Atingida pela idade, a madeixa apresentava agora um tom prateado.

— Olá, Molly. Você tem um sobrenome?

— Templar — interveio o inspetor —, por causa do...

A senhora torceu um dedo com um gesto que poderia ter sido interpretado como um sinal de desagrado. Estranhamente, o inspetor se calou.

— Molly, estou certa de que pode responder por si mesma...

— Por causa do templo de Lump Street, onde os sacerdotes me encontraram abandonada e embrulhada num lençol de seda — explicou Molly.

— De seda? — perguntou Damson Fairborn, sorrindo. — Sua mãe devia ser uma senhora de certa posição para se dar ao luxo de jogar fora um pedaço de seda de qualidade. Talvez uma brincadeira com o pessoal dos andares de baixo ou, talvez, um caso amoroso?

A expressão de Molly contorceu-se de desagradado.

— Mas, claro, estou certa de que você já meditou mais do que o suficiente sobre a identidade de seus pais. Afinal de contas, não deve haver muito mais com o que ocupar a mente num lugar destes.

Uma ideia súbita apoderou-se de Molly, mas a senhora balançou a cabeça em sinal negativo.

— Não, Molly, eu não sou sua mãe. Embora, creio, eu tenha idade para que você pudesse ser minha filha.

O inspetor pigarreou.

— Devo dizer que Molly tem certo temperamento, damson. Um temperamento rude...

— Talvez para combinar com os cabelos ruivos? — perguntou a senhora, sorrindo. — E quem não teria, enfiado num lugar como esse? Sem direito a boas roupas, a um bom vinho, à companhia de homens galantes e a um bom jogo de cartas, de vez em quando? Estou absolutamente certa de que o meu temperamento também não melhoraria um milímetro se as nossas posições se invertessem.

O inspetor lançou um olhar gelado na direção de Molly, e depois olhou para a senhora.

— Eu não...

— Creio que já ouvi o suficiente de sua parte, inspetor — disse Emma Fairborn. — Vamos lá, Molly. Poderia me fazer o favor de me trazer aquele livro ali?

Molly olhou para o volume forrado com pele para o qual o seu dedo apontava. O livro estava numa das prateleiras mais altas das estantes do inspetor. Encolhendo os ombros, avançou até a estante, retirou o livro da prateleira e soprou o pó que tinha acumulado no topo com o passar do tempo: ele ficou limpo como novo. Tratava-se de um tratado de filosofia que o inspetor tinha o costume de usar para impressionar as visitas com o seu intelecto. Em seguida, Molly aproximou-se do lugar onde a senhora estava sentada e lhe entregou o livro.

Damson Fairborn tocou suavemente a mão de Molly por um instante, antes de virá-la e examiná-la como uma cigana que lê a palma.

— Obrigada, Molly. Fico muito satisfeita pelo fato de ter passado tão

pouco tempo na lavanderia daquela tal de Snell. Você tem mãos muito bonitas para serem arruinadas por água sanitária — disse ela, pousando o livro a seus pés. — Além disso, possui um bom senso de equilíbrio para alguém com a sua altura. Um pouco mais de um metro e sessenta e cinco, diria eu.

Molly assentiu.

— Minha querida, você não faz ideia do número de garotas bonitas que eu conheço que dão coices como cavalos de carga numa feira de província. Ou então que rebolam como um pato que teve o azar de ser enfiado dentro de um corpete. Acho que nós podemos trabalhar isso juntas. Diga-me uma coisa, Molly, você gosta de viver aqui no internato?

— Eu acho... um pouco entediante, damson — respondeu Molly.

A resposta pareceu diverti-la.

— Não me diga? Para alguém criado entre esses muros, você tem um vocabulário muito erudito.

— A diretora anterior era uma circulista, Damson Fairborn — disse o inspetor. — Ela mantinha as meninas na escola muito além da idade regulamentada, desrespeitando a Lei dos Pobres.

— A mente é a coisa mais difícil de aprimorar e a mais fácil de desperdiçar — disse a senhora. — E você, Molly? Recebia salário por esses trabalhos?

— Não, damson — respondeu Molly. — Vai tudo para o Internato Portas do Sol.

Damson Fairborn assentiu com um ar compreensivo.

— Sim, tenho certeza de que o meu queixo cairia de espanto se soubesse o quanto o Quadro Diretivo gasta em provisões para alimentar as meninas nas cozinhas mais baratas. Ainda assim — e olhou diretamente para o inspetor —, tenho certeza de que os fornecedores não deixam de obter também os seus lucros.

O corpo do inspetor se contorceu nitidamente atrás de sua escrivaninha.

— Bem, minha querida — disse Damson Fairborn, enquanto ajustava o curto manto de seda ao redor dos ombros do casaco —, acho que você vai servir perfeitamente. Assim que os honorários para o Quadro dos Pobres forem descontados, creio que poderei começar a pagar um belo salário para você.

Molly ficou chocada. Se havia patrões que pagavam um subsídio ao internato e um salário-extra aos aprendizes, isso era novidade no internato Portas do Sol. O objetivo inescrupuloso do abrigo era funcionar como fonte de mão de obra barata para os seus responsáveis.

— Ela é órfã, não se esqueça desse detalhe — lembrou o inspetor. — Dentro de um ano vai atingir a maioridade e, então, poderá votar. Posso transferir os papéis de sua custódia para o seu nome, mas apenas por 12 meses.

A senhora sorriu.

— Tenho a sensação de que, depois de um ano comigo, os gostos de nossa jovem dama ficarão sofisticados demais para que ela considere a possibilidade de voltar a trabalhar nas proximidades de Handsome Lane.

Molly seguiu a sua nova patroa até a rua, deixando o úmido e frio Internato Portas do Sol entregue ao inspetor e às suas protegidas. Uma carruagem particular esperava a senhora, com os cavalos e o carro tão pretos quanto a farda do criado de cabeça comprida que estava em pé ao lado deles.

— Damson Fairborn — disse Molly de uma forma educada no momento em que o criado abriu a porta da carruagem para elas.

— Diga, minha querida.

Molly apontou na direção dos muros do internato logo atrás delas, altos como os de uma prisão.

— Esse não é o lugar mais comum para se recrutar uma criada.

Sua nova patroa pareceu surpresa com aquela observação.

— Mas, cara Molly, eu não pretendo fazer de você uma criada nem uma lavadeira. Pensei que tivesse me reconhecido pelo meu nome.

— Pelo seu nome?

— *Lady Fairborn*, Molly, tal como está escrito em meu estabelecimento: *Fairborn & Jarndyce*.

Molly sentiu seu sangue gelar nas veias.

— É claro que — continuou a senhora, piscando o olho para o seu criado musculoso —, infelizmente, o nosso Lorde Jarndyce já não se encontra mais entre nós. Não é mesmo, Alfred?

— Uma perda irreparável, *milady* — respondeu o criado. — Dizem que morreu durante o jantar, sufocado com um pedaço de casca de lagosta.

— Sim, Alfred. Na verdade, foi um descuido da parte dele. Uma das raríssimas ocasiões em que a boa vida se revelou altamente prejudicial para o bem-estar de alguém.

Os olhos de Molly ainda estavam arregalados com o choque daquela novidade.

— Mas a *Fairborn & Jarndyce* é...

— Um bordel, minha querida. E eu, para não colocar sensibilidade

demais no epíteto, sou conhecida em toda parte como a Rainha das Prostitutas.

O criado se posicionou imediatamente atrás de Molly, barrando o caminho de qualquer eventual fuga pela rua.

— E acho, Molly, que você vai se dar realmente bem como uma das minhas meninas.

De volta ao escritório do inspetor, a Observadora se materializou na realidade do internato. Ela tinha direito a apenas uma intervenção, e, na verdade, fora uma de suas melhores. Pequena, como devia ser. Quase nem se tratara de uma intercessão.

A ideia original do inspetor era ceder os papéis da custódia de Molly ao grande matadouro de Cringly Corner. No entanto, esse caminho realista apenas terminaria como os demais: Molly de volta ao internato em menos de seis semanas, novamente dispensada por insubordinação. Isso não teria servido de nada à Observadora nem aos seus desígnios.

Fora fácil desviar um pouco a atenção do cérebro do inspetor, permitindo que o novo plano tomasse forma em sua imaginação. A mente inteligente e arguta de Emma Fairborn se revelara mais difícil, mas, ainda assim, estava dentro dos limites do alcance das intervenções da Observadora. O inspetor estava agora sentado atrás de sua escrivaninha, calculando a quantia que iria receber em subornos no fim da semana.

A Observadora certificou-se de que tudo ficara registrado na sopa química e espessa da mente daquele homem. Algo, talvez um sexto sentido, fez com que o inspetor coçasse a nuca e olhasse diretamente para o local onde ela se encontrava, mas a Observadora aumentou a intensidade de sua infiltração no nervo ótico do inspetor e apagou até a sua presença de fundo, de maneira a tranquilizar e reconfortar o seu pequeno cérebro de macaco, deixando-o num estado de relaxamento. *Prata e ouro, pense no dinheiro.* O inspetor reorganizou seus papéis e guardou-os numa gaveta fechada à chave. Naquela semana, novamente teria bons lucros.

A Observadora suspirou e voltou a desvanecer-se na realidade. Era realmente uma pena, mas o inspetor não iria viver tempo suficiente para adquirir aquela 12ª casa de campo junto à costa e adicioná-la ao seu império imobiliário burguês. Ela podia até salvá-lo. No entanto, havia algumas intervenções que ela ficava feliz em não ser obrigada a fazer.

Capítulo Dois

O campo de aerostatos de Cem Cadeados estava enchendo cada vez mais com os passageiros que aguardavam a chegada do *Lady Luz do Falcão*. Oliver colocou novamente a mão no interior do bolso de suas calças. Dentro dele, havia a descrição amarrotada do hóspede de seu tio.

— Oliver.

Uma voz desviou a sua atenção para longe da tarefa que o tio o incumbira: Thaddius, um rapaz que conhecia da escola. Dos tempos em que Oliver ainda estava autorizado a frequentar a escola, é claro.

À maneira dos adolescentes de todas as partes do mundo, os colegas de Thaddius tinham dado ao rapaz o apelido de “Fininho” precisamente por ele ser tudo, menos isso. O robusto Thaddius tinha quase tantos amigos quanto Oliver em Cem Cadeados, ou pelo menos tantos quanto Oliver conseguira manter depois do momento em que se tinha espalhado o rumor de quem ele realmente era... ou pelo menos poderia vir a ser.

— Está observando as popas? — perguntou Oliver.

— Estou, sim — respondeu Thaddius, cujas bochechas rechonchudas se esticaram com um sorriso de orelha a orelha ao mesmo tempo que exibiu um caderno aberto com uma grade quadriculada e delineada de forma minuciosa a lápis diante dos olhos de Oliver.

— Está vendo? Ainda na semana passada consegui o código da popa do *Lady Âncora Negra*. Normalmente, ele só navega na rota Medfolk-Calg-

ness, mas a marinha mercante está implementando a nova classe *Guardião Cunningham* no Sul, de maneira que agora estão transferindo alguns dos dirigíveis mais antigos para cá.

Oliver assentiu por educação. Thaddius estava desesperado para entrar na Marinha Real Aerostática, mas sua família não tinha posses suficientes para comprar uma comissão. Apenas o bastante para permitir que ele assinasse contrato como um humilde navegante das nuvens. Assim, não restaria ao pobre e roliço Thaddius outro remédio senão seguir o negócio de família e enveredar pela carreira de açougueiro, tal como seu pai e os irmãos restantes. Eventualmente, poderia se habituar a passar as noites no campo de aerostatos, observando com um olhar melancólico os graciosos cascos dos dirigíveis que ora se aproximavam, ora voavam para longe. Sonhando com o que poderia ter sido, um futuro não muito longínquo, uma vez que faltavam pouco mais de três meses para que Thaddius e seus colegas de turma cruzassem os portões da escola pública local pela última vez.

— Homens de campo, à linha! — gritou um dos oficiais de uniforme verde do dirigível e um grupo de escavadores robustos tomou posição, formando de imediato uma linha em forma de charuto sobre a relva. Um par de fortes cavalos de carga avançou até a frente da formação, de forma a se colocar lado a lado com o homem-vapor que se parecia com um trator de campo, pronto para assumir a maior parte do trabalho mais pesado. Dificilmente se poderia dizer que o homem-vapor admirava seu trabalho. Seu nome era Pinoenferrujado e já trabalhava no campo de aerostatos quando Titus, o tio de Oliver, era pequeno. Robusta como duas carruagens, a sua barriga-caldeira era delineada por seis rodas dentadas e, apesar de sua idade avançada, mostrava-se ainda em condições de alçar qualquer um de seus quatro braços para rebocar um aerostato até a posição de decolagem.

— Todos os que têm a reserva feita, certifiquem-se de que têm os bilhetes à mão, por favor! — exclamou um oficial.

Oliver suspirou. Viajar.

Thaddius olhou para ele e adivinhou os seus pensamentos.

— Eles não podem mantê-lo aqui fechado para sempre, Oliver. Têm que deixá-lo partir ou, enfim, você sabe...

A sua voz pareceu sumir.

— Eles nunca me deixarão em paz — contestou Oliver. — Gostam muito de me ver preso aqui para fazerem uma coisa dessas.

Thaddius ficou quieto. As desgraças do iminente período de aprendizagem do ofício da família surgiram diante de seus olhos em contraste

com a perspectiva do futuro de seu companheiro no campo de aerostatos. Continuar sendo um proscrito. Marcado para sempre. Motivo de fofoca. Impossibilitado de viajar para além do que era permitido pelo requerimento estatal que ele assinava toda semana. Thaddius lançou um longo olhar compreensivo para ele, afastando-se pouco depois em direção ao hangar dos aerostatos para se juntar ao grupo de observadores de popas que aguardavam junto aos portões.

Um sopro ruidoso vindo do sul e a descida de um quarteto de motores de expansão silenciou o burburinho da multidão à espera do dirigível: o aerostato surgiu da floresta localizada logo atrás do campo de aterrissagem com a metade mais alta de seu casco pintada de verde e a mais baixa com um padrão xadrez de amarelo e preto.

A proa do *Lady Luz do Falcão* inclinou-se para baixo e os seus marinheiros abriram as escotilhas de ambos os lados da nave, lançando para o solo cabos com chumbos nas pontas que os homens de campo se apressaram a recolher. O enorme invólucro foi então rebocado na direção da torre de atracagem, enquanto sua proa era conduzida até o respectivo anel de captura com um enorme rangido metálico. Uma vez fixo, os cabos do aerostato foram amarrados às roldanas para que ele fosse puxado para baixo, até atingir uma posição de flutuação estável a cerca de três metros do solo.

A torre de atracagem havia sido construída sobre uma só barra de ferro. Se o plano de voo do aerostato incluísse um ancoradouro para passar a noite, tanto a torre quanto a nave teriam que ser transferidas para o hangar, situado num dos pontos extremos do terreno onde Thaddius aguardava ansioso na companhia das outras crianças. As escadas de desembarque foram levadas até as portas, e os vagões com água do lastro e os preciosos cilindros de celgas foram puxados para estibordo.

O fluxo habitual de passageiros com negócios em Cem Cadeados começou enfim a desembarcar. Metade dos viajantes era de origem estrangeira: as togas brancas das cidades-estados da Liga Catosiana contrastavam com os ponchos multicoloridos do Sagrado Império de Kikkosico. Nenhum dos dois países permitia que os aerostatos chacalianos sobrevoassem seus territórios, desconfiados do monopólio do reino sobre as viagens aéreas e das oportunidades para reconhecimento geográfico que estas lhe proporcionavam. Os estrangeiros chegavam ao reino atravessando o canal, desembarcando nas Profundezas Erguidas de Toby, e regressavam para casa nas escunas ou balsas que atravessavam o Mar Sépia.

Entre a amálgama de viajantes, podia ser encontrado também um

grupo de arqueólogos oriundos de uma das oito grandes universidades, facilmente reconhecíveis pelas malas de pele que traziam consigo repletas de instrumentos sensíveis que jamais arriscariam sujeitar às sacudidelas bruscas do compartimento de carga. Os arqueólogos continuavam ainda a discutir se o fosso colossal que delimitava a cidade era uma deformação natural ou uma façanha de uma civilização antiga.

Oliver enfiou as mãos nos bolsos das calças por causa do frio e sentiu subitamente o papel amarrotado no interior de um deles, lembrando-se de imediato da razão de sua visita ao campo de aerostatos: o hóspede do seu tio!

Entretanto, a maior parte dos viajantes já tinha se dispersado. A fila de passageiros pronta para embarcar no *Lady Luz do Falcão* se resumia agora a alguns retardatários. Ao longe, nos campos, rapazes locais tinham montado um jogo de quatro-pinos, o rápido boliche amador, observado com indiferença divertida, pelos oficiais do aerostato, enquanto aguardavam a carga de celgas e a água do lastro serem depositadas no interior do dirigível.

Um vendedor ambulante oferecia aos passageiros provenientes do Sagrado Império de Kikkosico uma garrafa cheia de fumaça que trazia pendurada no peito; oferecia seis inspirações de ervassussurrante por apenas um *penny*. O pessoal das carruagens também já tinha desaparecido com suas carruagens puxadas por pequenos cavalos, que levavam qualquer viajante até o canal de navegação de Cem Cadeados, que dera nome àquela terra, por meio das ruas da pequena localidade.

Entre os retardatários, encontrava-se um homem que correspondia à descrição do papel que o tio de Oliver tinha pegado de sua escrivanhinha. Era um homem magro, ligeiramente mais baixo do que os um metro e oitenta de Oliver, com os cabelos de um louro escuro, curtos e despenteados. A descrição só não mencionava os óculos escuros de ferro pousados sobre o nariz. Modestos como eram, seguramente jamais teriam figurado nas prateleiras exclusivas de um oftalmologista da capital.

Oliver estava bastante habituado a conduzir os hóspedes do campo de aerostatos até a Pousada das Setenta Estrelas de seu tio, mas, normalmente, tratava-se de comerciantes abastados como o próprio Titus Brooks. O seu armazém situado na Cidade dos Barqueiros estava cheio até o teto de barris de vinho do império, geringonças provenientes das cidades-estados e, dizia-se, conhaque contrabandeado de Quatérturno, uma importação que fora legal durante centenas de anos, mas que fora proibida no fim da Guerra dos Dois Anos, tanto em Quatérturno como em Chacália.

O homem que Oliver tinha diante de seus olhos se assemelhava bastante a um sacerdote do conselho paroquial, tal era a modéstia de suas roupas. Oliver se aproximou.

— Sr. Stave?

— Harry — respondeu o homem, estendendo a mão na direção de Oliver. — Harry Stave. A última vez que me chamaram de “senhor” foi em...

O homem fitou Oliver por um instante e pensou melhor se deveria terminar a história.

— Bem, isso foi há muito tempo. Pode me chamar simplesmente de Harry.

— O meu tio está à sua espera, Harry.

Oliver apontou na direção da cidade.

— Não duvido, velho amigo, mas a minha bagagem, mesmo sendo pouca, ainda está no *Lady Luz do Falcão*.

Uma rede de linho tinha sido aberta abaixo da escotilha do compartimento de carga e ia recebendo os sacos de correio vermelhos com o selo RdJ: um leão sob a ponte levadiça da Casa dos Guardiões. Um homem-vapor puxava um carrinho de transporte de viagem carregado com uma série de caixotes, pacotes e baús, afastando-se da sombra do dirigível.

— Não dá para dizer que sua bagagem é pouca.

— Só mais esta — disse Harry, erguendo uma mala de viagem bastante usada com alça de marfim — e pronto.

Cada uma das palavras do hóspede era cuidadosamente proferida, um pouco como se o homem polisse cada vogal antes de pronunciá-la. As palavras medidas contrastavam com a sua aparência rude. Oliver ofereceu-se para carregar a mala, mas Harry balançou a cabeça em sinal negativo.

— Você trabalha para Titus?

— Ele é o meu tio. Então, acho que sim.

— Ah, muito bem — disse Harry, detendo-se para observar Oliver um pouco melhor enquanto os dois já se afastavam do campo. — Jovem mestre Brooks. Eu devia tê-lo reconhecido, embora não reste muita coisa da criança que conheci no homem que tenho agora diante dos meus olhos.

Oliver se sobressaltou.

— Você conheceu os meus pais?

— Posso dizer que sim, Oliver. Os negócios já me colocaram várias vezes no caminho de seu pai e de sua mãe. Uma vez, quando você ainda era bebê, por pouco não vomitou em cima de mim. Você se lembra deles?

— Não. Não me lembro de nada — respondeu o rapaz, incapaz de esconder a mágoa na sua voz. — O meu tio... sabe como é, ele não costuma falar muito deles.

— É tão duro perder um pai quanto perder um irmão, velho amigo — disse Harry com um tom suave.

Ao perceber o efeito que a conversa estava tendo sobre Oliver, tentou mudar de assunto.

— Mas não falemos mais disso. Vamos deixar os que atravessaram o Círculo descansando em paz em suas novas vidas.

Oliver se perguntou se o hóspede de seu tio sabia que ele estava fichado. Era provável que sim. Se tinha conhecido os seus pais, seguramente teria ouvido as histórias relativas àquilo que lhes acontecera, assim como a ele. Contudo, se isso incomodava Harry de alguma forma, ele conseguia disfarçar de modo bastante convincente.

Chegaram à cidade. A Pousada das Setenta Estrelas ficava além dos limites de Cem Cadeados, aninhada à base das colinas que davam para as Profundezas Erguidas de Toby. Um cão amarrado a um pedaço de pau no lado de fora do mercado de peixe ladrava continuamente. Enquanto isso, estivadores vindos da Cidade dos Barqueiros vagavam em busca, nas estalagens e nas tabernas, de um lugar para passarem a noite, fazendo ressoar suas botas com biqueiras de aço nas pedras arredondadas da calçada.

A conversa sobre seus pais tinha abatido o ânimo de Oliver. Então aquele seria o mapa da sua vida. Sem autorização para montar um negócio próprio nem para aprender um ofício, condenado a assinar o livro de registros do condado uma vez por semana, evitado pela maior parte das pessoas da cidade, dando pequenos recados para o tio, de maneira a manter-se ocupado e a não atrapalhá-lo demais, Oliver sequer podia sair dos limites da paróquia sem ser declarado foragido e procurado. Todas essas liberdades básicas, que até uma raposa na toca ou a andorinha na árvore tomavam por adquiridas, eram negadas a ele. Objeto de piedade ou, talvez, de caridade de seu tio. Era objeto de aversão para quase todos os outros que tinham um dia sido seus amigos ou companheiros.

Foi ruminando essas reflexões sombrias que ambos chegaram à Pousada das Setenta Estrelas. Damson Griggs, a criada responsável por todo o serviço de lá, aguardava-os na soleira da porta. Ela analisou Harry Stave de alto a baixo — a mala de viagem gasta, as suas roupas modestas — e sua expressão se contorceu com um ar reprovador, como se Oliver fosse um gato que regressava a casa com uma ratazana morta para abastecer a despensa.

Damson Griggs era uma velha mulher cheia de força, e fosse por causa da perspectiva de trabalhar naquele lugar ou por viver na mesma casa que um rapaz fichado como Oliver, era a única dentre o pessoal do serviço doméstico a trabalhar em tempo integral na Pousada das Setenta Estrelas. Qualquer outra casa de Cem Cadeados com dimensões semelhantes àquela precisaria de, pelo menos, cinco ou seis empregados para manter as suas instalações de forma digna. No entanto, Titus Brooks tinha um lado antissocial e solitário, de maneira que talvez essa fosse a situação que mais conviesse a ele. Damson Griggs encarava o medo supersticioso que toda a cidade tinha de Oliver como um disparate absurdo. Ela conhecia o rapaz desde pequeno e, se ele tinha uma unha de encantado que fosse, nunca se manifestara diante de seus olhos durante os onze anos que passara vivendo com ele.

Era possível que Oliver também fosse da mesma opinião, embora jamais tivesse falado ao tio ou à governanta sobre seus sonhos obscuros e arrepiantes.

— Que mau vento o traz à nossa porta, Harold Stave?

— Harry, Damson Griggs, por favor — disse o hóspede.

— Bem, se vai ficar aqui conosco, é melhor eu fechar o armário do conhaque do patrão. A não ser que tenha parado com suas bebedeiras e vadiagens por todos os cantos de Chacália, e, não duvido, por muitos outros países.

— Mas quem é que tem desonrado a minha reputação desse jeito? — perguntou Harry, coçando o embaraçado cabelo loiro. — Damson Griggs, fique sabendo que, nas últimas duas semanas, não passou nem uma gota desse tipo de material por minha garganta.

— Seus modos eram grosseiros demais para a marinha mantê-lo em serviço — respondeu Damson Griggs, agitando um dedo do tamanho de uma salsicha na direção do homem. — E você também não vai ficar melhor sob este teto.

Apesar das advertências, Griggs abriu um pouco mais a porta para permitir a passagem de Harry, pegando sua capa leve de viagem, apropriada para o verão, e pendurando-a num dos ganchos em forma de chifre do corredor da entrada. Amplo e forrado com azulejos brancos, o corredor ainda se encontrava repleto de uma luz brilhante e límpida. Quando chegasse o fim da tarde, o Sol ficaria além das Profundezas Erguidas de Toby, e o extremo norte de Cem Cadeados faria jus ao seu nome — Lado Sombrio —, enquanto as trevas da represa se abateriam sobre a casa. A damson

começaria, então, a se apressar, acendendo as lamparinas a óleo cheias de sangue gorduroso dos deslizagudos pegos no Mar Sépia e abatidos na Cidade dos Barqueiros.

— Obrigado por sua gentileza, damson — disse Harry, piscando um olho a Oliver.

Ouviu-se um ruído no andar de cima. Titus Brooks estava em seu escritório, uma abóbada em forma de cebola. O seu residente anterior, um oficial naval aposentado, tinha mandado instalar um telescópio no centro, do qual só restavam os braços de ferro, uma vez que havia sido retirado e vendido pelos seus filhos e filhas depois de sua morte.

Damson Griggs retirou-se com o hóspede, voltando pouco depois sozinha.

— Ouça bem o que eu vou dizer, Oliver Brooks. Afaste-se desse homem. Ele não é boa coisa.

— Ele é marinheiro, Damson Griggs? — perguntou Oliver.

— Marinheiro? O único dirigível em que ele voa é o *Lady Problema* — resmungou a governanta.

— Mas foi navegador? A senhora disse...

— Preste atenção no que vou dizer agora, jovem mestre Brooks. A única coisa que aquele desmiolado soube fazer na vida foi esgotar as provisões de rum dos marinheiros honestos. Antes de você nascer, Harry Stave trabalhava na Delegação Alimentar da Marinha e era encarregado de comprar alimentos, celgas e outras provisões para a MRA. Ele conheceu seu tio por causa dos contratos que assinou com a Delegação, mas o Sr. Stave acabou sendo despedido. Com certeza foi apanhado com a mão na massa.

— E agora ele trabalha para o tio Titus?

— Não, patrãozinho, certamente que não. Trabalha para ele próprio, tal como sempre deve ter feito ao longo da sua vida.

— Nesse caso, que tipo de negócio o trouxe até aqui?

— Ora, essa é uma boa pergunta. E se a fizer diretamente a ele, duvido que obtenha uma resposta honesta. Talvez ele diga que veio tratar de algum esquema para comprar algo mais barato para vender ligeiramente mais caro.

Oliver contemplou fixamente as escadas que davam para o escritório de seu tio.

— Jovem mestre Brooks, aconselho que você mantenha distância desse homem. O seu pescoço é muito importante para mim e não quero vê-lo dançar para as multidões do carrasco às portas de Bonegate. Se

— você passar tempo demais com esse patife, ele o levará para o mau caminho, tenho certeza.

Quando Damson Griggs embirrava com alguém, não valia a pena tentar contrariá-la. Por isso, Oliver se limitou a concordar. Mas na situação em que se encontrava, a via do crime chegava a ser mais interessante do que a posição de aprendiz concedida por piedade e pela afinidade familiar por um irmão falecido.

— Agora fiquem longe de mim você e as suas perguntas — ordenou a damson. — Millwards veio entregar a remessa de comida esta manhã e eu tenho uma torta para fazer para o jantar. Uma extragrande, se aquele canalha que está lá em cima com o seu tio passar a noite aqui.

Ao regressar à Pousada das Setenta Estrelas, vindo dos operadores de redes de cristais com a última luz do crepúsculo e uma bolsa de pele repleta de mensagens de cartões perfurados de Açomédio para seu tio — com os preços das casas financeiras de Gate Street e os movimentos das ações da bolsa de Sun Lane —, Oliver estava exausto de tanto andar.

Damson Griggs regressara ao seu chalé, deixando a torta e umas batatas cozidas frias cobertas por um prato na cozinha. Pelos dois copos de vinho vazios e pelos resíduos vermelhos da garrafa de *claret*, Oliver pres-supôs que o seu tio e o hóspede já tinham jantado. Então, avançou até o topo das escadas, onde viu que ainda havia luz saindo pela fresta da porta do escritório, à qual se juntava um som abafado de conversa.

As palavras de aviso de Damson Griggs voltaram à sua mente. Por que razão esse intruso de origem incerta tinha vindo visitar o seu tio? Estaria o tio Titus envolvido em algum negócio de natureza obscura? Oliver podia não ser um economista da capital com residência na região mais elegante das Portas do Sol, mas de seu humilde ponto de vista, os negócios de seu tio pareciam seguros o suficiente.

Oliver desceu novamente para o térreo e recolheu uma chave escondida num degrau. Abriu silenciosamente a porta da sala de estar. Lá dentro, o duto da lareira subia até o escritório, dando para uma grelha que funcionava como fonte de calor daquele cômodo durante os frios invernos de Cem Cadeados. Oliver tinha descoberto que, tal como o calor tem a tendência a subir, os sons de uma conversa têm a tendência a descer. Assim sendo, encostou a orelha na abertura. Do lado de fora da casa, as primeiras estrelas da noite começavam a despontar. Antes da meia-noite, as setenta estrelas nas quais a hospedaria de pedra de cal cinzenta fora buscar o nome

seriam visíveis. Nem seu tio nem o hóspede falavam muito alto, por isso Oliver teve que se esforçar para ouvir apenas trechos desconexos da conversa entre os dois.

— Problema... contar com um plano comu... comprometido — disse o seu tio.

— Se for isso... pensa que eles... serviço hostil... aprendem — disse o infame Stave.

— Desta vez... até... nas trevas.

Oliver inclinou-se para frente o máximo que pôde. Ouviu-se uma suave, mas familiar, batida: era o seu tio desobstruindo o cachimbo num dos lados da escrivaninha.

— Será que eles vão aparecer... — começou Harry Stave.

— Os nossos amigos do leste? — perguntou o tio Titus.

Do leste? Os olhos de Oliver se arregalaram. O Sagrado Império de Kikkosico ficava a nordeste e diretamente a leste era Quatérturno. No entanto, lá não havia amigos, pelo menos não desde a Guerra dos Dois Anos.

Vendo-se derrotado, o comandante de Quatérturno tinha decidido selar suas fronteiras terrestres por completo, erguendo um muro maldito entre as duas nações. O muro tinha a dupla função de dissuadir os compatriotas do comandante que tinham o desejo de sair do país dilacerado pelas revoluções e de desencorajar qualquer incursão militar por parte dos chacalianos. Depois disso, qualquer intercâmbio mercantil oficial com os turnianos deixou de existir, embora os contrabandistas continuassem a fazer aterrissar cargas de conhaque ao longo da costa nos pontos em que era possível para eles desviar a atenção dos oficiais das casas alfandegárias. Tal como o resto das crianças de Cem Cadeados, Oliver tinha sido exaustivamente avisado para nunca se aproximar das regiões mais interiores a leste da cidade, onde apenas as sombras das patrulhas de aerostatos e as estranhas guarnições de casacas-vermelhas e botas de borracha percorriam os pântanos fustigados pelo vento.

— Um jogo sujo... — disse Harry Stave.

— Já... no vento... — respondeu o tio Titus. Oliver ouviu o arrastar de uma cadeira sendo puxada para trás. — Dois dos meus mortos...

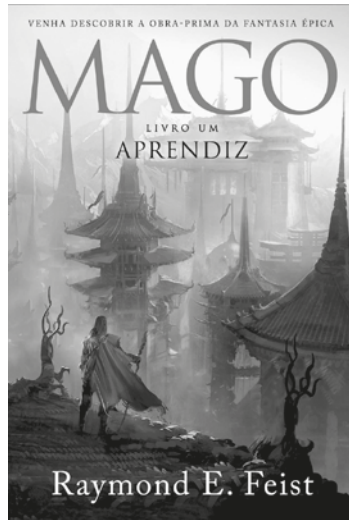
Mortos! Oliver prendeu a respiração. Em que esquema ilegal Harry Stave teria envolvido o seu tio? Estaria o armazém da Cidade dos Barqueiros servindo como esconderijo para barris de conhaque sem selo de imposto? Teriam os guardas alfandegários sido mortos em algum pequeno porto rochoso da região montanhosa acima deles?

Subitamente, Oliver se deu conta de uma coisa: seu tio jamais revelara a extensão total de seus negócios para ele. Oliver levava recados e ia reunindo os pedaços de informação que conseguia compreender, aprendendo gradualmente, através de histórias ocasionais, quais eram os agentes que se esperava que negociassem de forma honesta ou qual capitão de veleiro poderia ser incentivado a deixar passar alguma carga por baixo dos panos. No centro das atividades estava o seu tio... e mais ninguém. Até Oliver podia compreender que os interesses dos que trabalhavam nos armazéns nunca se estendiam, ou eram autorizados a se estender, para além do cais da Cidade dos Barqueiros: seria isso sinônimo de algo mais do que uma natureza cautelosa? A ignorância da mão esquerda quanto aos negócios realizados pela direita seria uma necessidade que impedia que o tio Titus acabasse do lado errado da corda do carrasco às portas da prisão de Bonegate?

Ouvindo várias cadeiras sendo arrastadas no andar de cima, Oliver fechou a porta da sala de estar e silenciosamente subiu para a sua cama no térreo. Parecia que Damson Griggs tinha avaliado bem Harry Stave, mas até que ponto chegaria o envolvimento do tio? Oliver sentiu uma pontada de vergonha ao pensar na possibilidade de seu tio ser preso: não se tratava de uma preocupação pelo seu único familiar vivo, mas sim pelo *seu próprio* futuro. Ao abrigar um rapaz fichado debaixo de seu teto, seu tio se arriscara a ser exilado daquilo que era a classe mais prestigiada de Cem Cadeados. Ainda assim, o ingrato Oliver Brooks continuava mais preocupado com o que poderia acontecer com sua própria pele.

Se o seu tio fosse preso, ele perderia todas as chances de conseguir um emprego em Cem Cadeados, ficando sem qualquer outra hipótese de futuro que não as frias e pouco acolhedoras portas do Serviço de Pobres local. Oliver estremeceu só de pensar nisso. A região do condado da Luz já tinha sua conta de pobres e azarados. Um rapaz fichado caído em seu colo podia ser a gota que faria transbordar o copo. Não seria muito mais simples preparar um pequeno acidente durante a noite? Uma almofada sobre sua cara e o hóspede impertinente desapareceria das vidas dos habitantes do abrigo para pobres.

Apanhado entre os muros invisíveis de sua prisão domiciliar de Cem Cadeados, seu futuro cinzento ia se tornando sucessivamente menor, enquanto Oliver deslizava para um sono inquieto.



MAGO APRENDIZ

Raymond E. Feist

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer.

A *Saga do Mago* é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”

– BBC



PRÓXIMO LANÇAMENTO



TIGANA

Guy Gavriel Kay

Tigana é uma encantadora obra de mito e magia que vai marcar para sempre os leitores. É a história de uma nação oprimida que luta para se libertar depois de cair nas mãos de conquistadores implacáveis. O povo foi tão amaldiçoado pelas feitiçarias do rei Brandin que o próprio nome da sua bela terra não pode ser lembrado ou pronunciado.

Mas, anos após a devastação de sua capital, um pequeno grupo de sobreviventes, liderado pelo príncipe Alessan, inicia uma cruzada perigosa para destronar os reis despóticos que governam a Península da Palma, numa tentativa de recuperar o nome banido: Tigana.

Num mundo ricamente detalhado, onde impera a violência das paixões, um povo determinado luta para alcançar seus sonhos. *Tigana* é um épico sublime que mudou para sempre as fronteiras da fantasia.

“Guy Gavriel Kay mostra nesta obra por que é considerado o verdadeiro herdeiro da tradição de Tolkien.”

– Booklist



COLEÇÃO **BANG!**

A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

1. Mago Aprendiz
Raymond E. Feist
2. A Corte do Ar
Stephen Hunt

Próximos títulos

- Tigana – A Lâmina na Alma
Guy Gavriel Kay
- Mago Mestre
Raymond E. Feist



REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de fantasia, ficção científica e horror

Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir tudo em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:

 www.sdebrasil.com.br

 Facebook: /editora.sde.brasil

 Twitter: @SdE_Brasil



COLEÇÃO
RANGI!

